

# A IMPRENSA

REVISTA SCIENTIFICA, LITTERARIA E ARTISTICA

DIRECTOR LITTERARIO — Affonso Vargas

ASSIGNATURA	Publicação quinzenal	EXPEDIENTE
Lisboa: cada numero, pago no acto da entrega... 5000 réis Provincias e ilhas: trimestre ou 6 numeros... 12000 " " Brazil (moeda fraca): semestre ou 12 numeros... 12000 " " Numero avulso ..... 5000 " "	— N.º 61	Toda a correspondencia deve ser dirigida á rua da Imprensa Nacional, 81, Lisboa. Assignatura paga adiantada. Artigos recebidos, quer sejam ou não publicados, não se restituem.

## A QUESTÃO DO ENSINO

Não ha muito tempo que a camara dos pares teve a rara felicidade de ouvir dois homens de superior talento e de real valor fallarem acerca d'esta momentosa e flagrantissima questão.

Ausentes de Lisboa, a nenhuma d'essas sessões podemos assistir, e só de um discurso — o do sr. Jayme Moniz — tivemos conhecimento, por ser o que estava publicado até á data em que escrevemos este artigo.

Dizer que é esse discurso um d'aquelles trechos ao mesmo tempo ensinadores e deliciosos da moderna oratoria parlamentar, é dizer uma verdade que está no animo de todos quantos admiram o illustre professor do curso superior de letras, não sendo por isso d'elle que vamos occupar-nos.

E, porém, do assumpto que inspirou a sua palavra tão auctorisada e tão sincera, e a que já igualmente nós consagramos uma serie de artigos, que desprovidos de outro valor, tinham ao menos o valor de um depoimento consciencioso, que hoje voltámos a occupar-nos, não para repetir o que então escrevemos, mas, para quanto mais não seja, tomar parte nas massas choraeas d'esta quasi horrifica tragedia que, com parcas excepções, se chama o ensino portuguez, e onde, como em todas as verdadeiras tragedias, se ouvem desde os gritos de impredação até ao estertor de mais de uma victima...

Não ha a menor hyperbole n'esta affirmação, e a prova do que avançámos está na cruzada verdadeiramente unanime que já antes de nós e depois de nós se levantou contra essa vergonha nacional, contra essa barbaridade sem nome, que acobertada com o escudo da lei tem lançado na idiotia, no desespero e na descrença milhares e milhares de creanças, pobres organismos indefesos, cretinizados por quem tinha a obrigação de os illuminar, saindo da cella-escola mais ignorantes ás vezes do que quando para lá entraram, e sobre isto inutilizados na maioria dos casos para qualquer trabalho intellectual.

Alguns dos nomes mais auctorisados, como os dos srs. Adolpho Coelho e Joaquim de Vasconcellos, dos mais sympathicos como os de Valentina de Lucena e Ramalho Ortigão, e tantos outros emfim, uns antes de nós, outros depois, como o sr. Oliveira Mar-

tins, que ha quasi dois annos, se bem nos lembrámos, emprehendeu nas columnas do *Reporter* uma verdadeira campanha contra essa vergonha enorme, têm vindo a publico revelar as inclemencias, as torpezas, os despropositos inqualificaveis e innumeraveis que a cada passo resaltam de quasi todo o ensino publico portuguez, e nem já preciso se torna rememorar factos, que certamente estão no espirito de todos, escriptos em sangue e em lagrimas.

Em sangue e em lagrimas, sim; porque tem feito verter um e derramar outras, e devem resoar amiudadas vezes, no espaço indefinido e mudo, vozes de terror e vozes de colera, contra esse feroz Moloch que tantas vidas tem devorado já.

Quantas pobres mães, quantos sacrificados paes e quantos infelizes filhos não recordarão até, como a data mais sombria da sua existencia, a data de um exame, feito ou para fazer, mesmo quando os resultados d'elle houvessem sido favoraveis!

E, no emtanto, parece que nem governos, nem professores, nem individuos são n'isto interessados; e que nenhum d'elles está preso por qualquer vinculo aos tristes martyres d'esta tortura, porque só assim se explica o egoismo descaravel e deshumano com que todos elles têm deixado eternisar-se e lavar um cancro d'esta ordem, que se não for extirpado a tempo ha de acabar por infeccionar tudo e todos, terminando por esphachelar o paiz.

E dizemos que só assim se explica, a não ser que prefiram dar-lhe uma outra explicação, igualmente desastrosa, e talvez ainda mais dissolvente, a de se vencerem todos os obstaculos pela compadricia, pelo apadrinhamento, pelo empenho, em summa, dando-se todos pouco que haja cerebros sem sciencia e unidades sem valor real n'este agglomerado politico que se chama uma nacionalidade, visto como de duas uma: ou os desventurados que tiverem de sujeitar-se á enervante e embrutecedora disciplina pedagogica do ensino nacional irão caindo abatidos e inutilizados pelos diversos degraus que formam essa nova Babel, pois que só algum mais forte ou mais *habil* logrará vencel-os todos, ou leval-os-hão de assalto, mercê de algum auxilio extra-natural e mysterioso em virtude do qual, sem nada haverem aprendido, conseguirão, comtudo, obter certificados de um aproveitamento que não tiveram e de umas habilitações que não possuem...

Ha quem sustente que tirando algumas excepções mais ou menos brilhantes, mas em todo o caso excepções, é de ordinario isto que succede; mas não é preciso ter a sciencia infusa de um Pico de Miranda para se concluir que, mesmo n'este triste, tristissimo caso, ainda os resultados serão tanto ou mais deprimentes e desoladores, porque isso trará dentro de breve o total desaparelhamento das intelligencias e sobretudo das competencias portuguezas, e nós haveremos de ir esmolar ao estrangeiro desde os professores para as nossas escolas até aos operarios para as nossas officinas e aos sabios para os nossos gabinetes, incluindo talvez mães para os nossos filhos e governos e cidadãos para a nossa patria. . .

Querem provas? Olhem para a escola primaria, uma nodosa; para a instrucção secundaria, uma excrescencia; para os cursos superiores, uma confusão, onde ha muita lacuna e muito desperdicio.

Vejam as escolas profissionais e industriaes, umas d'ellas por crear, outras desviadas já do seu principal objectivo. Attentem para essa sombra de ensino artistico, que a começar no obscuro casebre em que é ministrado, e a terminar na forma como em geral está constituido, é o mais triste documento da ausencia de facultades estheticas da parte de quem nos tem governado, se pôde chamar-se governar a essa baixa comedia politica que ha tantos annos vem sendo representada perante a nação. . .

Vão mais longe, percorram todo esse paiz, e perguntem o que é feito das preciosidades de toda ordem que por elle fóra existiam, e vejam por exemplo como está Alcobça e como estão tantos e tantos monumentos cujo valor artistico, cuja importancia historica deveriam constituir os brazões da nossa nobreza social.

Onde se acham os pequenos museus de provincia, em que estivessem representados todos os artigos das industrias locais, desde o seu inicio até aos seus ultimos aperfeiçoamentos?

Aqui mesmo, em Lisboa, onde está um grande museu abrangendo todos os ramos da industria e da arte portugueza antigas, nas suas diversas phases, e sendo como que o complemento natural e indispensavel do moderno museu industrial e commercial e do chamado museu de bellas artes?

Quem se lembrou já acaso de organizar, por exemplo, mas completamente e detalhadamente, um verdadeiro museu maritimo que fosse como que a historia viva e o commentario eloquente da existencia d'este povo de marinheiros?

Todavia muitas se não todas estas instituições a que aqui alludimos poderiam organizar-se com insignificantissima despeza, e aproveitando até elementos de primeira ordem que andam dispersos por aqui e por ali, alem de muitos funcionarios que sendo a mais em tantos logares são de menos em outros que não existem sequer!

Todavia, não faltam nem boas vontades, nem competencia, nem zelo em tantos verdadeiros apaixonados por estas pequeninas e singelas cousas de que os *pretores não curam*.

Todavia milhões de preciosidades que ainda existem em todos os generos n'este anarchisado paiz trariam para elle, por diversos modos, um reflexo de luz, de vida, de admiração que tanto começam

a faltar-lhe, e alguns pontos de Portugal que porventura se não recommendassem pelo pittoresco da paisagem passariam a ser visitados pela importancia ou pela originalidade dos seus museus ou das suas colleções expostas!

Outros transformar-se iam mesmo em nucleos importantes de attracção e de enthusiasmo e seriam visitados, apreciados, queridos, e taes seriam por exemplo aquelles em que se conjugassem os dois predicados primordiais: formosura na natureza, e originalidade na arte.

Em summa, o nosso nivel intellectual, que tanto equivale dizer o nosso nivel psychico, elevar-se-ia em geral nas camadas onde elle é ainda tão baixo, e a moralidade social não teria senão a ganhar.

\* \* \*

Ora, como vêem, tudo isto que deixámos escripto, e ainda o dobro que poderíamos escrever, vem a resolver-se em ultima analyse n'uma questão de ensino que, como já aqui mesmo tivemos ensejo de demonstrar, é para nós a questão unica, a questão vital por excellencia.

E tudo isto poderia e poderá sobretudo resolver-se na escola primaria antes, e depois no ensino secundario, porque quanto ao ensino superior esse pôde dizer-se bom, e ficará completo desde que os altos poderes attendam um dia as diversas reclamações dos respectivos estabelecimentos em que elle se professa.

A escola primaria, porém, e a escola secundaria, essas carecem de uma reverendissima reforma, em que se corte cerce por muitos abusos, dispauterios, duplicações e até attentados contra a decencia do ensino, contra a hygiene mental, e contra a integridade da razão e da consciencia, que como hervas daninhas e pestilencias, têm ido lentamente invadindo tudo, disciplinas, methods, professores e compendios. . .

E mister que todos nós, paes ou simples cidadãos, vejamos a escola transformada de ergastulo em jardim, de fabrica de aleijões moraes, e até ás vezes physicos, em alfobre promettedor e em viveiro esperançoso, e que as pobres creanças que a frequentam não achem logo nos primeiros livros, nos primeiros mestres e no primeiro ensino, as suas primeiras dores e os seus primeiros algozes.

Na instrucção secundaria é mister que não se façam decorar banalidades sem proveito, e velharias sem destino, por processos e por methods sem sciencia nem bom senso—e, inclusive, em certos casos, sem grammatica, e que, sobretudo, não haja um luxo de cadeiras cujas disciplinas estão n'ellas deslocadas e uma desconhecença, uma prolixidade e uma intelligencia inadmissivel na serie de materias que a intelligencia do alumno saído da escola primaria é chamada a percorrer.

Nem soluções de continuidade nem superfetações de falsa sciencia, eis o fim a que se deve mirar.

Logrará o novo ministerio da especialidade resolver este problema?

O sr. Jayme Moniz espera que sim. Enganar-se-ha? Não nos atrevemos a dizel-o já. Preferimos esperar.

## PUNGO ANDONGO

Este concelho, antiga cõrte dos reis do Dondo, tomado com o reino ao ultimo rei D. João Hary e incorporado nos prazos da corõa em 1671, pelo valente capitão Luiz Lopes de Sequeira é, no dizer de todos os exploradores que o têm visitado, «uma verdadeira maravilha da natureza»; assim se exprime Lopes de Lima.

Situado ao norte da margem direita do Quanza, n'uma altitude de 1:071 metros e muito mais proximo da linha equinoccial que dos tropicos, Pungo Andongo, antigamente destinado a receber os mais perigosos facinoras e assassinos, pelo imperfeito conhecimento que das suas condições de salubridade tinham as autoridades, é, no emtanto, segundo a opinião de Fortunato de Mello, filho de um medico e naturalista que n'esse local resolveu ir passar o resto da vida, «excellente e mais saudavel que muitas povoações da nossa Beira Baixa. Ali não ha carneiradas grandes nem pequenas, o ar é fino e quasi sempre fresco, a agua pura e leve e constantemente fria».

E mais adiante escreve: «O terreno produz em abundancia mandioca, milho, feijão de varias qualidades, ginguba ou amendoim, de que se faz muito bom azeite, bananas, ananazes, os melhores que se conhecem, hortaliças de toda a especie que duram em todos os tempos do anno, romãs, laranjas, limas, limões, algodão, anil, nicociana, arroz, trigo, etc., e é susceptivel de dar tudo quanto produzem os melhores paizes da Europa».

Fortunato de Mello preconisa ainda a excellencia e a fartura da caça, a boa qualidade dos pastos; e tão convencido estava do que dizia que chega a lamentar que a capital d'aquelles estados não fosse Pungo Andongo em vez de Angola, o que sensatamente Lopes de Lima contesta, fazendo justiça ao grande Paulo Dias de Novaes que «escolheu muito bem o local de Loanda, capital da costa occidental de Africa, e emporio do seu commercio—o que exigia um bom porto e não a chapada de uma rocha a oitenta leguas pela terra dentro».

Approva, porém, o plano apresentado por Mello para o estabelecimento de uma colonia ali, plano que este apresentou ao ministerio da marinha em 15 de setembro de 1838, e que naturalmente lá dorme no archivo do ultramar—se as baratas ou os ratos o não roerem já...

As magestas pedras de Pungo Andongo, cuja cõr negra é devida a uma simples alga (genero *Scytonema*) que no dizer do illustre major Henrique de Carvalho serve para proteger do sol toda a vegetação, representam ao mesmo tempo uma maravilha geologica e uma curiosidade botanica, e poderiam ser o nucleo de uma colonia europêa na opinião do mesmo illustre explorador.

De resto Pungo Andongo teve já a sua opulencia, e Livingstone cita com enthusiasmo a residencia do celebre coronel Manuel Antonio Pires, que principescamente o hospedou n'ella, e onde o viajante inglez teve occasião de ver e de admirar não só os mais luxuosos moveis e todos os requintes da riqueza e do gosto, mas de saborear tudo quanto de melhor se encontra na Europa, e que a final era produzido nas

vastas fazendas do coronel, que era ao mesmo tempo um abastado negociante, e que, dispondo alem d'isso de grande força de gente armada, foi durante muito tempo o sustentaculo do prestigio portuguez por todo aquelle sertão mais proximo.

Infelizmente, o facto de Pungo Andongo haver sido considerado insalubre, talvez entre varias razões pela cõr negra das suas pedras, e de se mandarem para lá de preferencia degredados da peor especie, impediu, com muitas outras causas, que a colonisação europêa lá se generalisasse; e esta conquista, que recorda um dos mais gloriosos feitos que os portuguezes praticaram, bem mal aproveitada tem sido. Quasi que se perderam os ensaios agricolas de Fortunato de Mello e do coronel Pires, e hoje a população indigena está muito limitada.

Para isso contribuiu, é certo, o desvio que a corrente commercial soffreu deslocando-se mais para sul, sendo hoje Pungo Andongo apenas um ponto de passagem das comitivas; mas valeria a pena no dia em que a serio se pensasse em aproveitar os innumerables elementos de riqueza, que *apesar de tudo* a nossa Africa ainda possui, voltar as attentões para esse antigo padrão das nossas glorias e do nosso dominio, fomentando e promovendo ahí, como já o aconselhavam os antigos, e como recentemente o aconselha ainda o eminente auctor e organisador da *Expedição Portuguesa ao Muatiama*, a industria da creação e engorda do gado, etc.

Ou tambem já será tarde até para isto?

AYFONSO VARGAS.

## ASSUMPTOS VARIOS

Lêem-se na *Memoria historica acerca da amisade inglesa*, dedicada e offerecida ao venerando estadista Manuel da Silva Passos por F. A. de S. C., os seguintes notaveis trechos. Já passou meio seculo, todavia, avivar a leitura de tão interessante materia na actualidade, que tanto se debate a questão anglo-lusa, é apenas nosso intuito, como foi então o do illustre patriota auctor da *Memoria historica*—esclarecer os bons portuguezes de algumas circumstancias que talvez ainda ignorem.

«... Portugal, como é sabido, tem muitas fontes de riqueza occultas, ou em abandono; mil e mil recursos preciosos, que só a paz e união tão appetecida pôde desenvolver debaixo dos auspicios de um governo verdadeiramente liberal e progressivo; temos genio, patriotismo e a habilidade necessaria para o desenvolvimento: as nossas artes e industria se acham bastante aperfeiçoadas, e se pôde dizer em paralelo com as d'essas nações mais famigeradas; e para completar nossos desejos só falta um systema em tudo regular e uniforme, e ao mesmo tempo protector, isto é, fundado sobre bases solidas e bem meditadas; o desenvolvimento do maravilhoso systema de associação; união reciproca das classes industriaes, que é a base de toda a prosperidade publica. Nós os portuguezes estamos bem convencidos de que ainda falta muito para completar a nossa ventura social, e para a qual temos hoje, graças á Providencia, a estrada franca e bem desimpedida; sabendo-nos aproveitar ninguem como nós pôde fazer progressos, porque ninguem como nós tem

instituições mais livres. Nenhuma nação da Europa deve estar hoje mais alerta do que nós, sobre o que convem a nossos interesses; mas não basta só estar alerta, é necessário que de uma vez sejamos todos portugueses, isto é, que caminhemos todos a um mesmo fim; sem esta circunstância em vão serão sempre nossos trabalhos e sacrificios; é necessário que de uma vez tenhamos juízo para destruímos todos os benefícios resultantes do sabio systema que hoje rege a nação portugueza.

«Todos nós estamos bem persuadidos que a propriedade é o principio dominante das facultades e dos esforços do homem, e que menoscabar os favores, calcar aos pés as dadas com que a natureza nos distinguui, ou seja por cobardia, ou por desleixo anti-social, produz resultados infinitamente mais perniciosos do que os peiores vícios, ou abusos, que dimanam do maldito systema de politica, que só aspira a derramar sangue e a lançar ferros ao entendimento, violentando os animos em nome de extravagantes theorias. Portugal deve ser o paiz classico da liberdade, porque tem a gloria de contar entre si homens, que são o ornamento do seculo em que vivemos, e não duvidámos que elles sejam capazes de sacrificar tudo no altar da razão para se mostrarem os verdadeiros amigos da sua Patria, trabalhando com ardor em tudo que concorra para a nossa felicidade. Elles bem sabem que a nossa Patria já deu leis ao mundo, e ensinou a essas, *então humildes e hoje tão altivas* nações, que a nossa Patria foi já o berço do commercio: ainda nos restam amplas e vastas colonias, possessões insulares que deixam campo aberto e franco ás empresas de nossos intrepidos e sobrios naturaes; a nossa posição é a melhor da Europa, e se ha quem o duvide, abra a Carta d'este continente, e á primeira vista conhecerá a verdade.

«Temos um porto vasto e amplo qual o nosso formoso Tejo, ao abrigo das furias dos ventos, uma das balizas do grande Oceano, tanto ao alcance dos mares do Norte como do Mediterraneo, escala natural dos vasos que das duas Indias demandam a Europa, e que parece que a Natureza o destinou para ser o emporio da riqueza; alem d'isto com a fertilidade do nosso solo e com as produções preciosas que a mesma Natureza nos liberalizou com não provida, veremos ainda sair de nossos portos tão grande manancia de riquezas e commercio que ainda espante nossos inimigos, e assente o alicerce de nossa opulencia e força.

«Os talentos e actividade de um só homem mudaram a forma do nosso paiz no ultimo seculo, e nenhuma razão ha agora para duvidar que os combinados esforços de muitos não consigam o mesmo. Mas para tudo isto se conseguir não bastam só os desejos, é necessario, como já disse, que nos levantemos um dia com juizo, que sejamos todos portuguezes de boa fé, que sacrificuemos nossas opiniões no altar sacrosanto da Patria, que nos dispamos de odios e vinganças e d'esse espirito de partido, que a passos agigantados nos vae cavando o precipicio; que sejamos francos e liberaes, livres d'esse infernal egoismo e ambição, que tudo abraza, que tudo perde; e que, finalmente, prefiramos o que é nosso a tudo o que é estranho.»

JOSÉ ANTONIO DIAS.

## PORTUGAL AFRICANO

É com uma tristeza dolorosa e funda que hoje escrevemos aqui estas palavras.

Depois da para nós funebremente celebre data de 11 de janeiro, seguimos com um interesse palpitante, com uma ansiedade incomprimível todas as variadas phases do conflicto suscitado então, e —peza-nos diz-o— a uma certa altura do que se nos fia deparando foram-se-nos as derradeiras esperanças, e porventura todas as nossas illusões n'este assumpto.

Agora que um tratado leonino e inqualificavel tenta ligar para todo o sempre a nossa desventurada patria á garra afiada e carniceira da Inglaterra, nada mais nos resta do que preparar a attitude em que devemos morrer, tão cheia de puas, tão emmaranhada de tramas, tão preenche de astucias se nos afigura a convenção assignada!

Pela primeira vez esta revista sae francamente da linha de absoluto eclectismo e de sincera imparcialidade que a si propria traçou, e n'um ponto de vista mais alto que o das mesquinhas conveniencias politicas do partidario faccioso, nenhuma duvida tem em affirmar que a votar-se — como talvez se vote — o tratado de 20 de agosto de 1890, o que nos convem fazer é chamar o officio dos agonisantes, porque a morte não virá longe.

Não temos declamação inane ao que acima fica escripto, porque temos o inteiro direito de julgar como entendemos um acto publico e official que a elle não vincula apenas as responsabilidades individuaes ou collectivas dos partidos politicos portuguezes, porque decide tambem, e mais do que tudo, da nossa sorte geral e do nosso destino social.

O tratado ali está publicado; leiam-n'o todos os verdadeiros patriotas com os olhos do coração e do espirito, inspirem-se desapaixonadamente em ambos, e se não virem, como nós vemos, a ruina proxima de todo o Portugal africano, e porventura o inicio do desmembramento do Portugal continental, é porque em verdade não sabem, não querem ou não podem ver.

Pouco nos importam as personalidades n'uma questão como esta; tão pouco, que protestámos desde já não escrever aqui um unico nome; tão pouco, que nenhuma duvida temos em asseverar que para nós ellas nem sequer existem!

Neste momento angustioso e traizoeiro que vemos é um paiz absorptor e traizoeiro, fatur importante da nossa decadencia e quicá do nosso desaparelhamento, e um paiz generoso e bravo que, se morre pela sua imprevidencia e pela sua incuria, morre tambem pela sua lealdade e pelo seu cavalheirismo; que se tem, acaso, culpas a expiar perante a justiça da Historia, tem no entanto a redimir-as actos de um tão inteiro e de um tão generoso desinteresse, de uma tão viva e tão immaculada heroicidade que não ha chatins que possam abacnhal-o, nem calumnias que logrem attingil-o!

O que vemos é um paiz que se serviu de nós sempre que entendeu conveniente e necessario, que aniquilou as nossas industrias, que preparou o nosso esphacelamento provocando-o e ajudando-o, que fez commosco os nunca assas lembrados convenios de 1642, de 1654, de 1661, de 1703, de 1810, de 1881 e agora este, e que ainda por cima de nos arruinar na India, no Brazil, na Oceania, na Africa e no proprio continente, nos achincalha e nos calumnia, apresentando-nos perante o mundo como um tutelado pretencioso e impertuono a quem é preciso castigar as audacias e diminuir as pretensões.

Em frente d'elle o que vemos tambem é um paiz desorganizado e pobre, com uma politica sem ideal e sem plano, uma politica tendo vivido o melhor de quarenta a cincoenta annos de expedientes e de incoherencias, intrigando, corrompendo, decompondo, aliando em summa todos os alicerces que podem fazer fortes as nacionalidades; acordando para as incitativas honestas quando já outros lam a caminho de as realisar; não tendo pensado durante muito na nossa Africa senão para a desmoralisar pelos baixos elementos de colonisação que para lá mandava —degredados e pessoal sem collocação na metropole, e nem por isso havendo melhorado muito esta, de modo a desculpar-se do que não fazia n'aquella; que nunca a serio pensou no ensino profissional e industrial, dando-lhe um caracter pratico e scientifico que tivesse desviado da bacharellice e da burocracia tantas centenas de energias que ella só soube dissolver e atrophiar; que nunca teve a coragem de fazer uma *verdade verdadeira* o serviço militar obrigatorio, mas obrigatorio para todos; e por isso mesmo mais limitado, embora não menos util; que deixa a cair os monumentos nacionaes e ao desbarato as riquezas que n'elles exist-

tiam; que nunca teve olhos para ver, nem alma para compreender que as nações pequenas necessitam de ser mais sábias quasi que as grandes, para se imporem a ellas por outra força que não a dos canhões ou a dos couraçados, que não podem possuir, e que por isso se deverá ter sempre esmerado em que a sua instrução artistica tivesse um incontestavel e real valor; e em que a instrução scientifica e industrial suggerissem veios de applicação e de trabalho aos cerebros e aos braços que a ellas se dedicassem, ensinando-as a crear capital e a transformal-o; que tem ainda cabeças de districto sem caminhos de ferro, e villas e aldeias sem escolas; que ha deixado perder, por desaproveitados, elementos de prosperidade e de riqueza capazes de por si sós resolverem o problema economico nacional; que de ordinario só tem pensado na industria portugueza para a tributar ou para a destruir; que não teve ainda, n'um paiz de tanta philantropia, uma sessão no seu parlamento exclusivamente consagrada ao estudo e á organização da assistencia publica; que não promulgou sequer uma lei reguladora do trabalho dos menores; que não poz cõbro, por um conjunto de medidas protectoras, á exploração desalmada e ignobil da agiotagem, a qual, por exemplo, por meio das casas de penhores, exige aos desgraçados 48 por cento

foi possivel levarem-nos os homens e as cousas ao extremo de ter de aceitar condições d'essa nação-ventre que se formou com o nosso sangue e com o nosso ouro; mas a verdade, mais alta e mais dura, manda que digamos que n'esta lenta, porém ininterrupta serie de erros que têm vindo accumulando-se desde muito de traz, pelo menos desde ha meio seculo— nós, os degenerados filhos de uma raça de gigantes, não temos apenas que increpar os deuses, e precisaríamos começar por nos apotropha-r tambem.

Hoje afigura-se-nos demasiado tarde para remediar tantos erros juntos, e não julgamos já possivel a transformação radical d'este povo, que tão largo papel poderia ainda desempenhar na Historia.

Este artigo mesmo, é ainda uma prova de que já quasi todos achamos inevitavel que nos expoliam e que nos chasqueiem, pois que parece que nem já sabemos ter a persistencia da indignação; mas que queremos, se o desalento lavra tão forte e tão fundo, e se não vemos nem no presente nem no futuro solução honesta e digna para tantos e tão complicados desastres?!

Queremos crer, sim, que a provação lancinante por que o Destino ou a Civilisação nos fazem passar, no seu proprio



PUNGO ANDONGO

pelo capital que lhes empresta; que nem ao menos soube aproveitar em beneficio do estado e dos individuos o vicio nacional das loterias; uma politica que, finalmente, não sabe nem administrar, nem legislar, nem proteger, nem instruir, e que, ao mesmo tempo que tem dissolvido a entidade governativa, tem estiolado as unidades que o compõem, os individuos, da fazendo depender quasi tudo, se não tudo, do empenho, da influencia, do patronato, e tirando a todos a energia para lutar e a coragem para resistir.

\* \* \*

Tal é a situação do paiz que as circumstancias levam a arcar com uma potencia medonhamente egoista, mas ao mesmo tempo altamente preparada com toda a cultura precisa para a batalha contemporanea da existencia, tal como ella hoje se comprehende, isto é, dotada com uma prodigiosa industria, com uma invejavel sciencia, com um extraordinario e assum-broso commercio, e com uma sempre crescente riqueza!

Por certo que o tratado que nos suggere estas linhas nos faz corar de vergonha e tremer de indignação ao pensar que

excesso hão de trazer o remedio e a cura, ou nós desapareceremos de vez do mappa das nações; mas não nos arrogamos a pretensão de descortinar como se realizará o milagre, e na hora presente o que nos invade a alma é uma profunda, uma indestructivel amargura por termos de assistir de braços cruzados, impotentes e apathicos, ao desenrolar de uma tragedia onde por igual nos confrangem os esgares truanescos de uns, as bravatas insulsas de outros, e a quasi inconsciencia alegre de todos!

Dir-se-ia que um vento mau soprou nos ares, e turbou e varreu as intelligencias, e que todos estamos convencidos que as cousas se passam assim, porque se não podem passar de outro modo!

Pois seja, se o querem, mas haja ao menos da massa anonyma dos obscuros quem registre com pezar o espectáculo a que assiste, e tente mostrar que pôde ser vencido pela força das circumstancias, mas não collabore para ellas nem com o seu silencio, nem com a sua responsabilidade.

Quanto a analysar o tratado, para quê, se elle não resiste á simples leitura desapaixionada, embora quasi nos convençamos que naturalmente, não poderia ser nem seria talvez melhor quaesquer que fossem os que o negociassem?

Para quê, se a melhor razão da sua existência está no nosso indifferentismo criminoso, na nossa iniciativa intermitente, e mais do que isso, no geral estolimento incompreensível do nosso civismo e da nossa dignidade?

Se os ingleses até já fallam nos *favores* que nos têm feito, e *esperam que não serem ingratos*, e já hornas e jornalistas portuguezes, que implicitamente approvam essa monstruosidade historica, se é que abertamente a não perfillam!

Se ha mesmo quem avente que ainda somos *beneficiados* com essa exploração em grande que agora nos fazem, e procura provar que até ficámos *maiores* do que eramos!

Pois dos favores o unico, que realmente nos consta que nos houvessem feito, foi o terem votado uma verba qualquer para acudirrem ás victimas do terramoto de Lisboa em 1755, o que representa uma simples obrigação de humanidade, a que não devemos nenhuma gratidão especial, pois que para collarario d'elle temos que no proprio dia 11 de janeiro, quando mais accessa corria nas ruas a onda da indignação popular contra essa alliada villã, um pobre inglez, accommittido de um accidente no Caes do Sodré, era prompta e generosamente appareado e soccorrido por um grupo d'esses mesmos populares a quem o insulto doera, e nenhum d'elles se esqueceu de acudir a um seu semelhante, ou pensou em cevar *n'esse inimigo* os seus odios patrióticos e anti-britannicos...

Quanto aos beneficios que do tratado nos hão de advir, e que no dizer dogmatico e transcendente de alguns a Inglaterra graciosamente nos concede, esses são ou identicos áquelles que lhe permitiram arruinar-nos a India, que desde a cedençia de Bombaim até ao convenio de 1881 se tem ido lentamente desagregando do nosso dominio, ao de Methven e ao do Brazil, ou são peiores, por permittirem que ao roubo venha juntar-se a irritação.

Resta-nos sómente ver chamar ainda á nação que em 1817, ao mesmo tempo que nos lançava n'uma guerra sem necessidade chegava a negociar com Napoleão o saque das nossas colonias, que em 1842 quiz roubar-nos a Madeira, e que ainda agora em Africa nos tem feito o que todos muito bem sabemos, resta-nos, dizemos, ver chamar-lhe, ainda uma vez mais, a nossa fidelissima e leal alliada, o penhor da nossa autonomia e das instituições, e mais dedicada e valiosa cooperadora de Portugal na missão ingrata e carissima de desbravar e civilisar a Africa, e muitas outras cousas igualmente pyndaricas e magestosas!

Tudo pôde ser, e é mesmo provavel que seja, se antes d'isso alguma convulsão geologica não se amercear de nós, tragando-nos ou subvertendo-nos, para misericiosamente nos poupar a essa ultima e suprema vergonha...

Setembro de 1890

AFFONSO VARGAS.

## A IMPRESSÃO REGIA HOJE IMPRENSA NACIONAL DE LISBOA

(Fragmentos de um livro inedito)

1788-1801

(Continuado)

Era então fallecido de poucos dias Miguel Manescal da Costa, e porque no largo periodo de trinta e tres annos este intelligente artista gerira os negocios da impressão regia immediata e quasi exclusivamente, mórmente na parte technica, pareceu-nos conveniente, suspendendo o fio da narração historica, apresentar aqui algumas breves noticias e indicações, que concorrerão de certo para se poder bem apreciar o estado e progressos da impressão regia n'aquelle importante periodo, e para se conhecer tambem como Miguel Manescal da Costa comprehendeu e se desempenhou da sua aliás difficilissima missão.

Já dissemos como em março de 1760 functionava a officina typographica com certa regularidade. No fim do mesmo anno só ahí empregavam-se 23 operarios. Este numero conservou-se sem grande alteração por muitos annos; em 1801 elevava-se, porém, a 31.

Bem fornecida de typos, porque, alem do grande sortimento procedente da antiga officina de Manescal, a fundição annexa em todos os annos preparou com

abundancia os que eram indispensaveis á laboração da officina, sufficientemente provida de utensilios e prelos, os melhores que então se conheciam, contando no numero dos seus officiaes alguns muito habeis, tanto de composição como de impressão, dirigida por pessoa que á capacidade artistica e moral juntava larga e esclarecida experiencia, os resultados não podiam deixar de ser excellentes.

Consultando os registos da impressão regia e os livros e catalogo das licenças vemos que entre os annos de 1769 e 1801 se imprimiram 1:230 volumes, afora muitos papeis avulsos e outros que não eram sujeitos a similhante processo, o que dá o termo medio de 40 volumes por anno; e deve dizer-se em abono da verdade que nenhum d'esses volumes, salva uma ou outra excepção, é inferior ao que n'esse tempo se publicava no paiz, e muitos podem sem vergonha apresentar-se a par das boas edições de França, Inglaterra e Allemanha, na escolha do papel, quasi todo proveniente das fabricas de Genova e Liorne, limpeza da impressão, qualidade da tinta e regularidade de correção.

Os *Commentarios de Affonso d'Albuquerque*, as *Decadas da Asia* de João de Barros e Diogo de Couto, a magnifica, e hoje rara, edição dos *Estatutos da Universidade de Coimbra* (1772, in-4.<sup>o</sup>), as de diversos estatutos das corporações religiosas e litterarias podem certamente apontar-se como prova d'este aserto.

Mas nem só obras em linguagem vulgar saíram dos prelos da impressão regia: as *Selectas latinas*, a *Selecta optimorum Graecae Linguae*, as *Instituições da Lingua Arabica* de fr. Antonio Baptista, a *Enodatio plurimarum vocum* por fr. Francisco da Paz, o optimo *Dictionario Italiano e Portuguez* por Joaquim José da Costa e Sá, o *Dictionario Portuguez e Latino* do professor Fonseca, os *Principios de Grammatica Hebraica* por fr. Francisco da Paz, e outros trabalhos que poderíamos citar, provam de sobra como se forcejava por satisfazer ás discretas prescrições do alvará de 24 de dezembro de 1768, e que a casa possuía pessoal e recursos para o desempenho typographico das obras ainda as mais espezias.

Cumpra tambem não esquecer as edições dos livros de liturgia, que, sem exaggeração, se podem considerar primorosas para a epocha a que se referem. Nota-se n'ellas sobretudo a igualdade e firmeza de côr com que se conserva a denominada rubrica vermelha d'aquelles livros, e nomeadamente do *Missale Romanum*.

Não admira, portanto, que a impressão regia fosse de preferencia procurada pelos auctores e editores, pois aqui encontravam, alem de incontestavel superioridade de trabalho, nunca desmentida boa fé e exactidão, e a modicidade de preços sempre recommendada nas ordens regias e comprovada nos documentos e livros que varias vezes hemos compulsado.

O rendimento effectivo d'esta officina foi, pois, gradualmente elevando-se, de sorte que sendo em 1770 de réis 7:743<sup>00</sup>477, ascendeu em 1801 a 12:219<sup>00</sup>380 réis, isto apesar de muitos impressores e livreiros terem obtido, por diversas concessões, mais ou menos justificadas, permissão para imprimirem de sua conta

muitos diplomas e papeis officiaes, concessões que tiveram depois de ser retiradas na maxima parte e suscitada a observancia da lei.

A fundição de caracteres, como notámos no logar competente, começou a laborar no novo estabelecimento sob a direcção do bem conhecido mestre João de Villeneuve; este artista, que devia ser de mui protracta idade, falleceu entre julho e setembro de 1777<sup>1</sup>; succedeu-lhe no cargo, mas não na categoria nem no vencimento, o punctionista Caetano Teixeira Pinto, que nos ultimos annos do periodo a que nos referimos foi substituido igualmente pelo official Francisco José Gonçalves Portugal. Não parece, porém, ter tido esta officina grande desenvolvimento entre os annos de 1760 e 1801, antes notámos que n'este ultimo anno havia apenas ali empregados cinco operarios, quando no primeiro se contavam oito. Entretanto a produção media annual regulou por 1:598 kilogrammas, e a fundição pôde supprir regularmente as necessidades do consumo não só da casa, como das outras officinas, cujas exigencias eram em verdade immensamente menores do que nos tempos modernos, porquanto não só as sortes de typos se reduziam ás que indicámos a pag. 27, mas tambem, como é sabido, cada fundição, pelo menor apuro das edições, durava cinco ou seis vezes mais do que actualmente.

Dissemos já quem era Joaquim Carneiro Silva; escola dirigida por tão insigne professor não podia deixar de produzir proficuos resultados, e produziu-os de feito.

Em tão miudas indagações como aquellas a que havemos descido para coordenar este modesto trabalho, nunca se nos deparou occasião de encontrar qualquer vestigio de menos bom serviço de Joaquim Carneiro Silva e da respectiva escola. Houve sempre, pelo contrario, o melhor accordo e harmonia entre esse consummado artista e a administração da impressão regia. Mas do merecimento e actividade de Joaquim Carneiro Silva falla mais alto do que quanto poderíamos aqui adduzir o grande numero de gravuras feitas no seu tempo para as differentes obras publicadas pela impressão regia, como as *Decadas da Asia*, os *Commentarios* de Alfonso de Albuquerque, e outras; e sobretudo o *Missale Romanum* e a *Arte de Cavallaria*: só esta obra contém 88 estampas, a que se pôde dar o nome de primorosas, todas desenhadas e muitas d'ellas gravadas por Carneiro e seus discipulos.

Da sua solicitude pelo ensino tambem é sufficiente abonação o *Breve tratado theorico das letras typographicas* (todavia só impresso em 1803), opusculo que contém uma serie de discretos preceitos e regras sobre a gravura de punctões, que bem desejáramos andassem sempre presentes ao espirito dos artistas d'este genero, para que não houvessemos de estranhar as irregularidades que se deparam no desenho e execução de alguns typos modernos, aliás geralmente mais elegantes e vistosos.

Assim a escola-officina de gravura concorreu não pouco para o lustre e bom nome das edições da impressão regia, correspondendo ao que o grande fundador de certo desejava, e ao que do talento e probidade do alludido artista era licito esperar.

A fabrica das cartas de jogar constituia uma outra especialidade do estabelecimento, em que se não podia sentir tão effizacamente a influencia da direcção technica de Miguel Manescal da Costa: no fabrico das cartas só havia de commum com a typographia a tiragem dos pontos e figuras que se effectuava então pelo processo xylographico: a collagem das folhas de papel para dar ás cartas a consistencia indispensavel, a pintura ou colorido, o brunido e o córte eram tudo operações que nenhuma analogia apresentavam com os demais trabalhos da regia typographia, e que não podiam deixar de estar, como com effeito estavam, sob a superintendencia immediata de individuos habilitados com os conhecimentos theoreticos e praticos que tal manufactura requer.

A Lourenço Solesio, com quem foi primeiro contratada por doze annos a fabricação das cartas, é pois a quem cabe a responsabilidade do estado de similhante officina.

Que este empregado possuia competencia para o mister de que estava encarregado, parece-nos incontestavel, porque sem duvida se lhe não confiaria similhante logar sem a haver comprovado. Presumimos comtudo que nos ultimos annos do contrato não houvera bom accôrdo entre Solesio e o administrador Manescal, que se viu até obrigado a empregar meios energicos para o compellir ao seu rigoroso cumprimento, informando para que não fosse prorrogado.

Entretanto áquelle artista foi concedida uma pensão vitalicia de 1500000 réis, e por seu fallecimento, succedido em 1786, foi a sua viuva, Izabel da Costa, contemplada com uma tença por igual quantia.

O official Henrique José da Silva substituiu Lourenço Solesio no cargo de mestre, e n'elle se conservou até 1808, anno em que foi despedido por ordem da junta administrativa, economica e litteraria, em consequencia de se oppor aos melhoramentos intentados n'aquella fabrica, como se affirma em uma informação datada de 18 de maio de 1808<sup>1</sup>.

Quaesquer, porém, que fossem as irregularidades ou abusos introduzidos n'esta officina, é certo que ella, por circumstancias que indicaremos, era a mais productiva de todas, empregando de ordinario 20 operarios, numero que em 1800 subiu a 29.

O rendimento respectivo foi em 1770 de 8:0747015 réis, augmentando successiva e gradualmente até atingir em 1801 a importantissima somma de 26:0000697 réis, isto é, mais de dois terços de toda a receita effectuada no ultimo anno, a qual amontou a 38:4760075 réis!

Desde que a fabrica, competentemente dotada das machinas e apparatus necessarios, começou de entrar em regular exercicio, a importancia das ferias computava-se em 2:0000000 a 3:0000000 réis annuaes; o consumo de papel entre 4:000 e 5:000 res-

<sup>1</sup> Recibo de Jeanne Rousseau de Villeneuve, viuva de João de Villeneuve, datado de 27 de setembro de 1777. Por esse recibo evidencia-se tambem que o vencimento d'aquelle artista era então de 2400000 réis annuaes.—Arch. da imprensa nacional, caixa n.º 4.

<sup>1</sup> Registo das consultas da junta administrativa, economica e litteraria, a fol. 33.

mas; e a produção em 16:000 a 20.000 massos, isto é, 192:000 a 240:000 baralhos de cartas de jogar<sup>1</sup>.

Entre as causas que explicam a tão considerável produção indicada, figura em primeiro logar o privilegio de que gosavam as cartas de jogar da real fabrica: não era permitida a importação nem a venda de quaesquer outras cartas, e os infractores ficavam sujeitos a severas penas, que a regularidade e respeito com que então se observavam, em geral, as leis, tornavam effectivas, garantindo por conseguinte a proficuidade do exclusivo.

Mas além do privilegio duas circumstancias ponderosas concorriam para a extraordinaria extracção das cartas da manufactura nacional; o consumo do Brazil e vastas colonias de Portugal, e o systema de fabrico, pois que as cartas eram então feitas de papel collado<sup>2</sup>.

(Continúa)

F. PEREIRA E SOUSA.

<sup>1</sup> As cartas vendiam-se então por dois differentes preços. As portuguezas entregavam-se aos estaqueiros a 90 réis o baralho, incluída a commissão de 20 réis aos administradores; as francezas e castelhanas a 100 réis, comprehendida a mesma commissão. Nos armazens do estabelecimento vendiam-se, porém, as primeiras a 80 réis o baralho, e as segundas a 90 réis.

<sup>2</sup> Para a Africa e America o preço era fixado em 150 réis, incluindo 10 réis para os estaqueiros. Os administradores commissarios recebiam 6 por cento de venda e 2 por cento de remessa, abonando-lhes, além d'isso, a despeza de caixotes, fretes, alugueres de armazens, riscos do mar e avarias. — Informação de Miguel Manescal da Costa, em data de 16 de abril de 1800, registada a fol. 13 v. do livro de registo de consultas da junta administrativa, economica e litteraria.

<sup>3</sup> Para formar cada folha de cartão empregavam-se tres folhas de papel, sendo as que constituíam as duas faces de qualidade mais superior: este custava nos primeiros annos de 90 a 100 réis, e o inferior de 600 a 800 réis cada resma de dezetez mãos, ou quatrocentas e vinte e cinco folhas: em 1800, porém, os preços haviam subido muito, comprando-se o ordinario a 1200 réis, e o melhor a 1700 réis a resma. — Informação já citada.

## UM PROTESTO

O nosso illustre amigo Fernando Leal, no livro que vae publicar *A resurreição do Concani*, faz, com respeito a tratados com a Inglaterra e a proposito da questão africana, a seguinte profissão de fé, que nos enviou para que a transcrevessemos, o que fazemos com vivo prazer:

Mas vejâmos a objecção, na hypothese, e era até escusado tel-a discutido em these.

Na hypothese, na melancolica hypothese, direi pouco, mas pouco bastará. Quando, ha annos, se tornou publico o tratado anglo-portuguez da India, tentei exprimir o sentimento das almas portuguezas ácerca d'aquelle contrato vexatorio, humilhante, de meia abdicção para nós Portuguezes, em uns versos que então appareceram com o titulo de *Finis Indiæ*:

Oh manes do terrivel Albuquerque,  
A vossa Gôa morre, Gôa é morta!  
Abriram ao inglez só meia porta...  
Abram-l'ha toda; que entre em Gôa, e a merque!...

Portanto se a India Portugueza, que já é meia Ingleza, tem de ser um dia Ingleza de todo, para mais tarde ser, provavelmente, Russa, a continuação

do imbecil desprezo votado ao Concani não seria, de certo, um obstaculo á realisacão d'esses factos politicos que prevejo. Nem o meu plano obedece a qualquer intuito de utilidade politica para Portugal. Francamente, se temos de perder a India, aquella India que era, segundo a velha rhetorica, o mais glorioso florão da corôa et cætera, fiquemos sem a India, mas com honra.

*E o que digo da India, dil-o-hei tambem de passagem ácerca da Africa. É oportuno diz-el: estou escrevendo estas linhas em setembro do anno terrivel, dias antes de ser apresentado ás Côrtes, para o sancionarem, o ultimo convenio anglo-portuguez. Sem fazer politica partidaria, isto é, faccioso, que nunca fiz e sempre me causa tédio; sem, portanto, maliciar as intenções, que devemos suppôr excellentes, dos dois ministros, o dos estrangeiros e o plenipotenciario, a quem mais directamente cabe a responsabilidade d'esse convenio; mas considerando que de boas intenções está o inferno cheio, eu digo o que dizem ou pensam milhares de patriotas: Fiquemos sem a Africa, e até sem a vida, mas com honra! Antes nos leve, antes nos roube a nossa Africa toda, essa covardissima nação de piratas, que sancionarmos nós proprios a aviltante espoliação!*

Potius mori quam fedari!

*E assim fica n'esta pagina o protesto de um Portuguez, antigo africanista militante no Transvaal e nos sertões de Lourenço Marques, que, por o ter sido, nunca pediu nem recebeu dinheiro ou honras, e que, desde muito moço, quando os seus compatriotas, quasi todos, confiavam ainda na alliança ingleza, sempre votou — como tantas vezes e por varios modos o tem manifestado — o mais entranhado odio á mais cynica de todas as nações da historia!*

FERNANDO LEAL.

## LEI SALICA

Assim se denominava o codigo dos frankos salianos, redigido, segundo uns, para além do Rheno; segundo outros, dado por Clovis, e attribuido, sem duvida erradamente, a Pharamond. Esta lei continha cerca de quatrocentos artigos, versando quasi todos sobre delictos de roubo, violencias, ferimentos e homicídios. O artigo mais notavel da lei salica era o 6.º do titulo 62.º, que dava a preferencia ao filho varão no direito á terra salica ou *lod*, — feudo concedido ao guerreiro como premio do serviço militar.

Em 1316, depois da morte de Luiz *le Hutin*, foi este artigo pela primeira vez applicado á corôa de Franca, e mais tarde reconhecido como uma das leis fundametaes da monarchia. Attribue-se o nome de *lei salica* ao proprio nome dos frankos *salianos*; alguns auctores, porém, fazem-no derivar da palavra *sala* — casa — por que se chamava *terra salica* á terra que cercava a habitação.

O sacrificio é o ponto culminante da vida humana, e olhámos sempre com enternecimento para as horas em que nos dedicámos sem reservas, e nos sacrificámos sem medida.

MICHELET.